

Taubaté, 26,1,1907

Rangel:

Recebi tua carta cheia de impertinencias e rescendente ao nogueirismo. Juro que o homem está aí, a te perveter! O teu tom, Rangel, não é aquele; e quando saís do teu tom, desafinas lamentavelmente. A imbecil apreciação sobre Kipling, que transcreves e adotas, fez-me jurar nunca mais te mandar nada pelo correio, nem os Dickens já apartados, nem uns Mark Twains_ nada. Ainda ontem te remeti, bobo que sou! o *Segundo Livro da Jungle*, mas não ha mister de te atirares a ele com a amargura que a nogueirice te pôs na alma; basta refazer o endereço e expedi-lo para o Albino_ porte por minha conta! Tambem do Beccari não vejo como puderam os belos versos te provocar tamanha ira. “Não sou plateia”, dizes_ e é verdade. Estás te tornando insuportavelmente nos palcos.

Afogue o Nogueira na piscina do collegio antes que ele te destrua todos os lados simpaticos do espirito. Já a tua naturalidade epistolar se ressentente. Não escreves como dantes, e sim para ter ensejo de *colocar* uns tantos paradoxos tipo 9 Santos, e mais uns reles desaforos. Você não nasceu para o desaforo; teus desaforos não desaforam. Tudo, mal que o Tonante te pegou! E outros males ineditos te irá ele pegando até te fincar uma lapide no tumulto_ “Aqui jaz o Paz-Vobis que me ouviu”.

Não escrevi mais o *Queijo* porque entrei pelo 1907 jurado de não mais *fazer literatura*, essa sordicia. Se queres, acaba-o lá_ mata todos os meus personagens_ jogalhes o Tonante em cima.

E adeus ou ao diabo. Estou excessivamente mau hoje, e zangado com o falso Rangel.

LOBATO